

Periodismo como una Estrategia de Salud de la Alfabetización

Ana Paula Machado Velho -Centro Universitário de Maringá – UniCesumar
Universidade Estadual de Maringá – UEM - anapaula.mac@gmail.com

Regiane da Silva Macuch - Centro Universitário de Maringá – UniCesumar
rmacuch@gmail.com

Sônia Cristina Dias Vermelho - Centro Universitário de Maringá – UniCesumar
cristina.vermelho@gmail.com

Resumen: El periodismo es una de transformación y reflexión contemporánea que ayuda a acercarse y familiarizarse con las herramientas de la información y la creación de conocimiento en la vida cotidiana. La práctica periodística es fundamental en un país en el que se establece una nueva filosofía en el ámbito de la salud pública y promoción de la salud, en el que la premisa es que cada individuo se convertirá en objeto de su bienestar.

Meditich (1992), Bahia (1971), el Hijo y el Hijo (1987) señalan el periodismo como un difusor de conocimiento cotidiano. Especialmente, en este momento histórico, en el que la mayor parte del proceso de comunicación ha estado pasando por la tecnología, los medios de comunicación mediaciones. Con eso, el lenguaje periodístico es adecuado para personas de todas las edades y clases sociales, donde n, llamado periodismo científico o comunicación para la salud están configurados, cada vez más, como los principales segmentos de la actividad de prensa.

La Asociación Médica Americana define este proceso de organización de la información como una iniciativa de alfabetización de la salud. Consiste precisamente en que permite la capacidad del ciudadano para obtener, procesar y entender la información básica de la salud necesaria para tomar decisiones apropiadas y de apoyo a la supervisión adecuada de las instrucciones terapéuticas. La alfabetización no sanitarios conduce a errores en el uso de medicamentos, que no buscan ayuda médica cuando sea necesario y la dificultad de asumir un estilo de vida saludable.

La mejor manera para que este tipo de alfabetización en salud es la inclusión y la participación de diferentes profesionales en grupos interdisciplinarios. La relación con las enfermeras, los médicos, psicólogos, nutricionistas, etc. puede proporcionar información a los que producen las subvenciones de carácter social de los críticos de las acciones efectivas de comunicación, promoción y apoyo a la alfabetización de la salud con el lenguaje, el espíritu de la sociedad actual, que cuenta con los medios de comunicación como mediadores.

Palabras clave: Comunicación para la Salud; Promoción de la Salud; Ciudadanía; Medios de comunicación, interdisciplinario, Periodismo Educación.

1. Introducción

A ciência é o diferencial que distingue a nossa época de qualquer outra da história da humanidade. O conhecimento científico se tornou fundamental no nosso dia a dia. Qualquer sujeito coletivo ou individual precisa dominar certos conceitos e certas informações para conseguir se manter vivo nos dias atuais, ou seja, o homem mapeia traços do real para garantir sua sobrevivência. Ou melhor, o homem precisa absorver certas informações para construir um esquema de como gerir sua relação com o ambiente. Este processo chama-se gestão das informações, no qual, também está incluída a informação científica.

“Desde o tempo de Joseph David Everett, dar sentido a ciência tornou-se uma tarefa cada vez mais complexa, mais essencial. A preocupação de Everett é refletida nos esforços recentes para distinguir a alfabetização científica, envolvendo conhecimento factual específico ou habilidades, desde a alfabetização científica, que se refere ao processo de pensamento crítico, criativo e a natureza da investigação científica (Maienschein, 1998).” (Olson, Kutner, 2008)

Na sociedade contemporânea existem inúmeros processos para a organização das informações. No entanto, boa parte deles está registrada numa linguagem hermética, que não consegue ser absorvida pelo cidadão comum. Há algo de muito distante entre o texto produzido pela academia e o público leigo. Quem recorre às pesquisas e tratados científicos procurando conhecimento, nem sempre conquista o desejado aprimoramento intelectual, porque não consegue interpretar as mensagens de cunho científico dos pesquisadores/cientistas, já que estes, escrevem para seus pares e não para o público em geral.

O arcabouço informacional produzido por pesquisas científicas é de suma importância para o bem-estar do indivíduo e para a promoção da sua saúde. Esse sujeito, está cada vez mais envolto pela sociedade do conhecimento, da informação, da comunicação, que vem adotando uma nova filosofia de atenção

aos indivíduos. Esta nova filosofia denominada de Promoção da Saúde veicula em seu discurso que cada sujeito torne-se sujeito da promoção da própria saúde. Neste universo, consideramos que as novas formas de comunicação jornalística são de fundamental importância. Neste sentido, questiona-se “o que o público em geral sabe atualmente sobre conceitos científicos, em especial, em saúde?”

Meditich (1992), Bahia (1971), Genro Filho (1987) entre outros pesquisadores da comunicação apontam o jornalismo como disseminador de conhecimento do cotidiano. Especialmente, neste momento histórico, em que a maior parte dos processos de comunicação vem se dando por meio de mediações tecnológicas, midiáticas, a linguagem jornalística deve tornar-se adequada para pessoas de todas as idades e classes sociais. Essas pessoas não só assimilam informações a partir deste discurso, como também se expressam nesse modelo, por meio das mais diferentes plataformas oferecidas pela Internet.

Santaella (2004) lembra que os processos comunicativos não são fenômenos que acontecem ao largo das transformações sociais. Na verdade, são inseparáveis das forças produtivas de uma sociedade. Lévy (1996) destaca que os sistemas de registro e de transmissão de informação (oral, escrita, audiovisual, digital) constroem diferentes ritmos, velocidades na história. Cada máquina acrescenta um som, um tempo-espaço, um design (cartografia), numa espécie de “trama elástica”, que se deforma e se conecta. Parente (1999) completa dizendo que as tecnologias são fruto das aspirações sociais, são sintomas das culturas que as produzem.

Neste momento, novos espaços sociais estão surgindo, um planeta digital se constrói com base em serviços e estratégias de informação que nos aproximam cada vez mais dos meios de comunicação, o que faz com que a prática jornalística esteja cada vez mais presente no cotidiano das pessoas.

Esse novo paradigma social se amplifica com a popularização da Internet. Esta tecnologia, que vem modificando os hábitos de comunicação não só no que diz respeito às práticas comunicativas interpessoais, mas na produção signífica em geral da cultura contemporânea, fruto de um momento histórico, no qual o

poder está nos *bites*. É um movimento de virtualização que afeta os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos, o estar junto e as formas de se falar na sociedade. Trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização, como disse Levy (op. cit.). Vive-se em um novo universo, que vem sendo chamado de ciberespaço. Um lugar de comunicação navegável e transparente; novo espaço de pensamento e de experiências humanas (Vilches, 2003); um universo paralelo, que tem sua matriz na Internet, que abriga megalópolis, ou bancos de dados comerciais, e uma infinidade de portais e sites de todas as espécies, nos quais diariamente apreendemos, a partir de textos com viés jornalístico, as informações necessárias à nossa inserção no mundo da cultura (Santaella, 2004).

Importante notar que a ampliação das possibilidades de “escrita” em cada um dos meios vai, aos poucos, dando sustentação a novas combinações ou novos multiletramentos multimodais. Pensando no jornalismo, podemos ver surgir nos jornais e webjornais, por exemplo, novos *layouts* que ganham características das diferentes demandas da cobertura diária dos fatos do mundo. Surgem seções para se falar de política, economia, cidade (as chamadas editoriais, na linguagem da redação), que são desenhadas com signos distintos. Os cadernos de economia são ocupados por gráficos, por exemplo, que traduzem as informações financeiras de governos e empresas. A editoria de política reúne artigos, charges e comentários. E as reportagens ligadas à saúde estão cada vez maiores, cheias de infografias* e imagens microscópicas. Esses conteúdos de interesse da população, acerca de tecnologias desenvolvidas nos laboratórios, vêm sendo interpretados de uma forma mais coloquial ao serem disseminados nos meios de comunicação analógicos e digitais. São reportagens sobre pesquisas, ambiente e qualidade de vida, que passam por temas como controle de níveis de hipertensão, estresse, alimentação etc. Com

* Quadros informacionais que complementam reportagens, no sentido de ampliar a informação visual sobre o fato; em algumas situações ganham movimento, na televisão e na Internet, por exemplo. Este quadro condensa informações verbais e imagéticas (simbólicos, icônicos e indiciais), com o objetivo de aumentar a qualidade informacional de matérias jornalísticas ou esquematizar fatos ou processos, permitindo o acesso à informação por várias vias de linguagens.

isso, o chamado jornalismo científico ou comunicação em saúde se configuram, cada vez mais, como segmentos importantes da atividade da imprensa.

2. Comunicação e Saúde

Uma pesquisa de 2009, envolvendo quase 40 mil pessoas na Ásia, apontou que os indivíduos que mais se consideravam saudáveis eram os mais jovens, com alto nível educacional e sócio-econômico, e os mais confiantes com relação aos veículos de comunicação de massa. Cerca de 60% dos entrevistados responderam que acreditavam muito ou parcialmente na mídia. Isso pode ser sinal de que a publicação de temas ligados à saúde na mídia, deve contribuir para uma maior incorporação de hábitos de vida saudáveis, o que pode ser uma ferramenta útil nas ações de promoção da saúde.

No Brasil, os jornalistas estão bem colocados neste aspecto. Numa pesquisa encomendada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e divulgada em 2006 revela que o jornalista é o profissional em que a população mais confia quando o assunto é ciência e tecnologia, seguido pelo médico e só depois vem o cientista. Dessa forma, ações voltadas ao fortalecimento da imagem de confiabilidade do jornalismo em saúde de uma sociedade podem se refletir em seus indicadores sobre o nível de bem estar integral de seus habitantes (Teixeira, 2009).

Pelo números nota-se que o tema saúde chama a atenção das pessoas pelo mundo. Em um estudo de 2008, centrado nos *media* norte-americanos, colocava as notícias sobre o tema em sexto lugar na preferência do público. Uma reportagem publicada no jornal O Globo, em janeiro de 2011, mostra os dados de uma pesquisa da Bupa Health Pulse, que ouviu mais de 12 mil pessoas na Austrália, Brasil, Grã-Bretanha, China, França, Alemanha, Índia, Itália, México, Rússia, Espanha e Estados Unidos. O levantamento descobriu que 81% das pessoas que têm acesso à internet usam a rede para obter orientações sobre saúde, remédios ou condições que necessitem cuidados médicos. O Brasil é o quinto país que mais procura orientações sobre saúde na internet, revela também a pesquisa (Brasil, 2011).

Um registro de opinião pública realizado no país, em 1987, pelo Instituto Gallup de Opinião Pública, sob encomenda do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), intitulado *O que o brasileiro pensa da ciência e da tecnologia?*, indicou a imagem positiva e as expectativas que a sociedade brasileira tinha da área de C&T, mais especificamente acerca das conquistas alcançadas em diferentes setores do conhecimento, mas especialmente da informação sobre a saúde.

A mesma pesquisa foi refeita e publicada em maio de 2007, com dados coletados nos meses novembro e dezembro de 2006. Desta vez, foi realizada pelo Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) em parceria com a Acadêmica Brasileira de Ciências, a Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz) e contou com a colaboração do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Lajor/Unicamp) e apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa de São Paulo (Fapesp). Foram consultadas 2.004 pessoas em todo o país com idade média de 36 anos. O resultado mostra que o brasileiro gosta mais de ciência do que de política, e, mais uma vez, os temas de maior interesse são saúde e medicina (60%) e meio ambiente (58%). Em 2010, o mesmo levantamento foi feito e a única mudança foi no fato de que o brasileiro mostrou maior interesse por assuntos relacionados ao ambiente, item que aparece empatado com medicina e saúde (Carvalho, Osvaldo-Cruz, 2011).

As duas últimas consultas também revelaram que o acesso à informação científica varia em função da educação e da renda. O público da classe A entrevistado tinha frequentado museus de ciência ou arte, zoológicos, bibliotecas nos últimos 12 meses, mas o público da classe E tinha uma freqüência a esses lugares muito próxima de zero. Outro dado que surpreende é que 90% dos entrevistados não souberam citar nenhuma instituição de pesquisa científica do nosso país. Diante deste quadro podemos perceber que os indicadores de C&T estão diretamente ligados à escolaridade da população e seu nível social. Assim estes indicadores mostram-se cada vez mais importantes não só para elaboração e implementação de políticas públicas de ciência e tecnologia, mas para que se possa pensar nos processos de

divulgação da ciência por meio da mídia (educação informal)(Cunha, Giordan, 2008).

Diante dessas informações, vem havendo um movimento “natural” em direção à popularização de reportagens ligadas à saúde. Esse movimento, por sua vez, vem fazendo surgir uma área de estudo chamada de Comunicação em Saúde, um campo de investigação da comunicação humana mediada na prestação e promoção de cuidados de saúde, uma área de colaboração entre as Ciências da Comunicação e a Saúde Pública.

A Comunicação em Saúde se estabelece não só como uma estratégia para prover indivíduos e coletividade de informações, pois reconhece-se que a informação não é suficiente para favorecer mudanças, mas é uma chave, dentro do processo educativo, para compartilhar conhecimentos e práticas que podem contribuir para a conquista de melhores condições de vida. Segundo Ratzan (1994) “a comunicação em saúde e meio ambiente tornou-se a matriz de um novo padrão de relações sociais entre agentes de saúde e cidadãos, baseada na interlocução, participação e co-responsabilidade nas decisões de saúde.”

Reconhece-se que a informação de qualidade, difundida no momento oportuno, com utilização de uma linguagem clara e objetiva, é um poderoso instrumento de Promoção da Saúde e que precisa estar baseada na apresentação e avaliação de informações educativas, interessantes, atrativas e compreensíveis (Lopes et al., 2011). Neste sentido, o jornalismo como processo educacional, ou melhor, o Jornalismo Educativo, pretende ser instrutivo ao leitor. Acosta Montoro (1973: 74), em meados dos anos 1970, definiu o jornalismo educativo como aquele jornalismo que “inclui comunicação por essência; informação por necessidade, formação por desejo de orientar.”

Azambuja (2008: 60) em sua dissertação de mestrado sobre Jornalismo Educativo apresentou a seguinte analogia

“se a edocomunicação é ´toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos` (Soares, 1999, p. 9), o Jornalismo Educativo seria toda ação educativa no espaço jornalístico realizada com o objetivo de produzir, desenvolver e promover a educação.”

E ainda a autora continuou,

“o jornalista faz Jornalismo Educativo quando contempla a atualidade levando em consideração o benefício do público. Fazê-los descobrir e reforçar suas possibilidades pessoais de participar responsabilmente da vida social apresenta a necessidade de diálogo (...).” (IBIDEM: 62).

3. Jornalismo como Ferramenta

É certo que a prática de disseminação da informação científica é antiga. As comunidades científicas têm seu primeiro registro em 1560, a partir da *Academia Secretorum Naturae*, de Nápoles. O atual jornalismo ligado à saúde é fruto do movimento de valorização da ciência, que começou a ganhar forma a partir do século XVII, quando os cientistas ainda se reuniam às escondidas, para trocar informações sobre suas descobertas, burlando a vigilância do clero. Burkett¹³ atribui ao inglês Henry Oldenburg a “invenção” do jornalismo científico (ao qual está ligada à prática jornalística que dissemina informações sobre saúde), em 1665, quando lançou a revista *Philosophical Translations*, na qual publicava traduções de textos de várias fontes. O periódico foi responsável, dois séculos depois, pela divulgação dos principais inventos da era pré-industrial. E é nessa época que os impressos passam a fazer parte do cotidiano das comunidades europeias. Aliás, muitos artigos das revistas científicas eram resumidos nos jornais diários, já neste período, como forma de chamar atenção dos leitores.

Em todo século XIX, os cientistas passaram por um processo de profissionalização e surge, por outro lado, um grande número de profissionais interessados na divulgação das pesquisas mais consistentes daquele período.

Actas – VI Congreso Internacional Latina de Comunicación Social – VI CILCS – Universidad de La Laguna, diciembre 2014

Neste século nascem periódicos importantes como a *Nature* (1869), na Inglaterra, e *Scientific American* (1845), nos Estados Unidos.

No início do século XX, Einstein apresenta suas teorias (1905) que são alvo da imprensa e, em seguida, a cobertura científica se dirigiu às questões da guerra. Foram quase trinta anos entre o início e o fim dos dois conflitos. Um novo jornalismo científico vai surgir com força total e, cada vez mais, são encontrados profissionais da imprensa preparados para cobrir o universo científico que envolvia o *front*.

Por outro lado, as guerras deram origem a um novo grupo de homens e mulheres que queriam conhecer mais sobre ciência, incentivados pelas tecnologias divulgadas durante os conflitos. E o fim dos combates proporcionou um período de aplicações de pesquisas engavetadas, acirrando a curiosidade sobre as conquistas tecnológicas, que saem dos laboratórios para ganhar as linhas de produção.

O fato é que um volume significativo de informações sobre pesquisas e descobertas científicas começa a ser divulgado. Burkett (1990) lembra que o desenvolvimento da penicilina em tempo de guerra, acompanhado de novas pesquisas e técnicas de produção biológica faziam a população crer nas ciências da vida. Em consequência disso, a curiosidade das pessoas de todo o mundo tornava-se alvo do jornalismo. Em outras palavras, a ciência vai satisfazer as necessidades do cidadão de melhorar sua qualidade de vida.

No Brasil, os primeiros jornais já publicavam matérias relacionadas à ciência, como é o caso do *Correio Braziliense*. Apesar destes esforços, que culminaram no surgimento da *Revista do Observatório*, fundada pelo *Observatório do Rio de Janeiro* (hoje, *Observatório Nacional*), em 1886, os grandes reflexos da cobertura científica só começam mesmo nas primeiras décadas do século XX (Veras Junior, 2003).

Por aqui, as questões da saúde e pessoas ligadas à área foram as primeiras a se aventurarem pelo cenário que é chamado de jornalismo científico. O bacteriologista José Reis é considerado o precursor desta atividade no País. Destacou-se pela linguagem fácil que utilizava para traduzir artigos e descobertas para a *Folha da Manhã*, hoje *Folha de S. Paulo*. Merece menção,

também, Júlio Abramczyk, conceituado médico e jornalista, redator da *Folha de S.Paulo*.

Melo (1984) aponta o surgimento das universidades como fator de desenvolvimento do jornalismo científico no Brasil. Para ele, é a organização da comunidade científica nestas instituições que vai incentivar o incremento da promoção da ciência no noticiário e nas seções especializadas dos jornais. E isso vem ocorrendo nos últimos 80 anos. Melo lembra que o *Estado de S. Paulo* começa a dedicar maior espaço à divulgação científica no início da década de 30, justamente, quando se cria a *Universidade de São Paulo (USP)*. E a *Folha de S.Paulo* revela maior interesse pela popularização da ciência no fim da década de 40, exatamente quando se cria a *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*.

Aqui também as guerras vão produzir mais leitores de ciência. Principalmente, depois da 2ª Guerra, quando o discurso ufanista americano glorificava a supremacia tecnológica bélica dos aliados. Durante o regime militar (1964-1984), houve a tentativa de se desenhar um país soberano, talvez mais para calar a população, mostrando o “lado bom” do regime da força. Não se pode negar que realmente se deu um grande incentivo à ciência e à tecnologia, porém, o JC ficou sob a vigilância dos censores – que ocupavam as redações de jornais e emissoras de televisão – divulgando grandes projetos que supervalorizavam o regime, como a Transamazônica, o programa aeroespacial e nuclear (Oliveira, 2002).

Em 1977, surge a Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), que ajudou a reacender a área na década de 80, quando acontecimentos de repercussão mundial, como a passagem do cometa Halley e as questões ligadas ao ambiente vão promover a cobertura científica, fazendo surgir revistas como a *Ciência Hoje* (SBPC) e a *Ciência Ilustrada* (Globo). Mas o tema saúde só vai ganhar maior destaque em 1985, com a morte de Tancredo Neves. O fato trouxe aos jornais a necessidade de publicar explicações científicas sobre a doença que matou o presidente eleito que não assumiu. A partir daí, a mensagem de divulgação científica especificamente ligada à saúde renasce nos cadernos dos jornais de todo o País. Todos os grandes nomes do

jornalismo científico garantem que o episódio foi um divisor de águas para as matérias de Ciência nos jornais brasileiros.

Todo esse cenário ainda ganha força, na década de 90. Inspirados pela realização, no Rio de Janeiro, da *Conferência Mundial de Meio Ambiente (ECO-92)*, os profissionais da imprensa, mais especificamente, do jornalismo científico, se aprimoram e isso reflete no surgimento de novos veículos especializados, como a Revista *Superinteressante (Abril)*. É nesta década, também, que surge e se propaga a Internet. Por causa dela, a informação sobre ciência e, especialmente, a publicação de assuntos ligados à saúde cresce consideravelmente.

Jornalismo e Promoção da Saúde

Porém, sem dúvida, o crescimento da frequência deste tema nas páginas das publicações jornalísticas parece estar relacionado ao surgimento de um meio de comunicação chamado World Wide Web, a seção mais popular da Internet. Há outras variáveis. Uma delas é a uma maior disponibilidade dos profissionais da saúde face às solicitações dos jornalistas. Esta pré-disposição muda, porque também há um movimento de forças políticas, uma demanda básica da sociedade contemporânea, que lida com estes conteúdos ligados à ciência e à saúde nos aspectos mais básicos do cotidiano. Isso acontece porque, a cada dia, fica mais claro que a saúde tem muitas dimensões, todas decorrentes das complexas relações entre os aspectos físicos, psicológicos e sociais da natureza humana. A medicina e o sistema de tratamento das enfermidades não dão conta de promover uma melhor qualidade de vida ao indivíduo, mesmo com avanços fenomenais no desenvolvimento de técnicas ultra sofisticadas e medicamentos para as mais diferentes patologias. Como lembra Capra (1982), as intervenções biomédicas, embora extremamente úteis em emergências individuais, têm muito pouco efeito sobre a saúde da população como um todo. O pesquisador destaca que a saúde do ser humano está mais ligada ao comportamento, à alimentação e às condições e à natureza do ambiente em que o indivíduo está inserido. O físico e filósofo completa dizendo que as causas da crise na saúde estão fortemente ligadas à crise de natureza social e cultural.

É essa atmosfera que vem envolvendo os profissionais de todas as áreas da saúde, desde a Conferência de Alma Ata, realizada pela OMS, em 1979. Esse evento vai redundar na disseminação da área de promoção da saúde, que prega a importância de se instrumentalizar o indivíduo com informações, para que ele possa ser peça mais atuante na própria qualidade de vida. Configura-se aí e legitima-se no Brasil e em boa parte do mundo a doutrina dos cuidados primários ou Atenção Primária da Saúde (APS), que cresceu como resposta aos interesses políticos e pragmáticos de prevenção da doença.

Essa nova filosofia se fortalece no Brasil no período da década de 80, quando os movimentos sociais renascem com muita força, na tentativa de minimizar o

custo social do período militar no país. É nesse momento que o jornalismo ganha novo peso na sociedade e o próprio Estado age em favor de mudanças na área social, que são ratificadas com a promulgação de uma nova Constituição. Esta nova Carta Magna contém o desenho do Sistema Único de Saúde que, em sua essência, visa implementar um novo modelo de política de saúde pública, no qual a disseminação de informação é fundamental.

A Associação Americana de Medicina define esse processo de organização de informação como uma iniciativa de alfabetização em saúde. Consiste exatamente em habilitar o cidadão da capacidade de obter, processar e compreender informação básica em saúde, necessária à tomada de decisões apropriadas e que apoiem o correto seguimento de instruções terapêuticas. A não alfabetização em saúde leva a erros no uso de medicações, a não procura de ajuda médica quando necessário e à dificuldade em assumir hábitos de vida saudáveis. Ações nesta área demandam novas estratégias de reorganização do sistema de saúde, novos investimentos financeiros e, também, em comunicação, que redundem em mudanças de estilos de vida. Isso ocorre porque vem sendo colocada em xeque toda a visão biologicista e higienista dos problemas de saúde pública, mais vinculados a questões ligadas à pobreza e às doenças infecciosas e parasitárias.

Observa-se, enfim, que há um movimento, inclusive dentro das instituições acadêmicas, no sentido de construir elos teórico-metodológicos para fortalecer os processos de comunicação em saúde, criando núcleos de referência, assessorias e grupos de trabalho que vêm promovendo o debate da temática em diferentes fóruns, realizando pesquisas, editando publicações, capacitando profissionais da saúde e da comunicação (Natansohn, 2004), especialmente jornalistas.

Bahia (op. cit.) alerta para o fato de que o jornalismo é uma ferramenta que pode atuar de forma fecunda na disseminação do conhecimento científico em seus mais diferentes aspectos. Ele destaca que, na medida em que a civilização mais se desenvolve e a criatura humana melhor satisfaz as suas necessidades, a informação mais se completa no caráter científico do conhecimento, abrindo claridade aos pensamentos e idéias.

Veras Júnior (op. cit.) lembra que o jornalismo é destinado às necessidades sociais da comunidade. Há quem defenda que ele é uma forma de conhecimento traduzido para a linguagem do cotidiano. Um destes pesquisadores foi Adelmo Genro Filho, que escreveu o livro *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*³. Ele argumentava que o jornalismo era uma forma social de conhecimento, que surge por uma demanda das relações capitalistas, originadas pelo processo de industrialização do mundo. Para Genro Filho (1987), o jornalismo foca o que há de particular, de singular, num fato ocorrido num determinado ramo da ciência e entrega, num formato acessível, essa informação ao leigo.

Eduardo Meditsch (op. cit.) se aprofunda nestas questões no livro *O Conhecimento do jornalismo*, dizendo que enquanto a ciência se torna um modo de conhecimento do mundo explicável, o jornalismo se torna um modo do conhecimento do mundo sensível, do cotidiano, das coisas concretas do dia-a-dia do cidadão. Para ele, a cobertura jornalística vai oferecer a cada um determinar a sua forma própria de refletir e, inevitavelmente, de refratar a realidade.

4. Informação com Caráter Interdisciplinar

Mas é necessário que se tenha atenção especial neste processo de utilização da imprensa como disseminadora da informação em saúde. Pesquisadores da escola de jornalismo de Missouri (EUA) alertam que é preciso capacitar os profissionais das redações. O grupo divulgou uma importante pesquisa sobre jornalismo científico em saúde, que recebeu o prêmio *Top Faculty Paper* (2011) em Comunicação em Ciências, na Convenção da Associação para Educação em Jornalismo e Comunicação em Massa, realizada em Chicago, nos EUA. Foram entrevistados cerca de 400 jornalistas dedicados à área de saúde de magazines e jornais em todo o país, com uma média de sete anos de experiência em jornalismo em saúde e o grupo descobriu que apenas 18% dos entrevistados haviam recebido treinamento especializado em jornalismo científico em saúde. Metade deles declarou não ter familiaridade com o conceito de alfabetização em saúde e muitos disseram ter dificuldade em

explicar informações científicas aos leitores, mantendo a credibilidade científica da informação. E os profissionais da imprensa sabem da importância do seu trabalho. Mais da metade disse acreditar que a maioria dos leitores usa as informações para melhor entendimento de temas sobre saúde e para uma melhor comunicação com profissionais da área. Os jornalistas dedicados aos jornais reconheceram contribuir primariamente na disponibilização de informação, enquanto os jornalistas de magazines relataram acreditar terem um importante papel na mudança de atitudes de vida dos seus leitores. A pesquisa alerta, então, que a boa formação dos profissionais que atuam na área pode aumentar o sucesso do impacto da informação sobre o público. Essa boa formação deve contemplar o desenvolvimento de habilidades na comunicação com o leigo, como também o fortalecimento de um senso crítico do profissional de comunicação, que promova a priorização de divulgação das informações que sejam mais relevantes à sociedade (Teixeira, 2008), de forma a contribuir com o processo de mudança de atitude do indivíduo, especialmente, nas reportagens sobre saúde.

O fato é que o profissional jornalista precisa conhecer profundamente a relação da sociedade com a doença; o que é saúde e como esse conceito se constrói no sujeito historicamente. Só a partir de aprofundamentos no ambiente cultural e conceitual do que é sociedade, doença, saúde, pode-se, de forma efetiva, organizar mensagens que vão repercutir na vida e na consciência dos indivíduos de determinado grupo.

O melhor caminho para esta preparação está na inserção do profissional no universo do cotidiano da saúde, por meio da participação em grupos interdisciplinares. O conceito de interdisciplinaridade surgiu no século XX e, só a partir da década de 60, começou a ser enfatizado como necessidade de transcender e atravessar o conhecimento fragmentado (Vilela, Mendes, 2003). É uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida diante do problema do conhecimento. Em outras palavras, a interdisciplinaridade é fundamentalmente um processo dentro de uma filosofia de trabalho que entra em ação na hora de enfrentar os problemas e questões que preocupam a sociedade. Na área da saúde, pode ser

entendida como aquele modelo que coloca o processo de intervenção por meio de um sistema baseado na pluralidade de cuidados, a fim de atender as necessidades, demandas, aspirações individuais e coletivas, como um processo técnico, científico e político. No entanto, é essencial marcar aqui que interdisciplinaridade não se ensina nem se aprende, apenas vive-se e exerce-se (Fazenda, 1996).

A relação de parceria entre jornalistas e enfermeiros, médicos, psicólogos, nutricionistas entre outros especialistas pode proporcionar àqueles que produzem informação de cunho social subsídios críticos para ações efetivas de comunicação, assim como pode apresentar àqueles que navegam pelo oceano dos hospitais e clínicas, de que forma as tecnologias comunicacionais, hoje, podem sustentar ações de promoção da saúde com a linguagem, o espírito da sociedade atual, que tem os meios de comunicação como mediadores.

Segundo Siebeneicher (1989), uma ação interdisciplinar crítica e integrativa pode se concretizar através de três caminhos: 1) determinação dos pontos comuns das diferentes disciplinas em níveis integrativos; 2) unificação ou síntese de conhecimentos científicos; 3) construção de uma linguagem interdisciplinar com vistas ao consenso geral. Talvez essa última sugestão seja o grande desafio dos grupos interdisciplinares preocupados com os processos de comunicação em saúde. O resultado de ações interdisciplinares em promoção da saúde, na sociedade contemporânea, será a execução de projetos efetivos que mostrem ao indivíduo que, mais do que a medicalização e a terapêutica, está nas mãos dele próprio assumir novos e melhores padrões de equilíbrio respeitando regras mínimas de comportamento, como dormir bem, se alimentar adequadamente, praticar exercícios etc. O papel dos profissionais de saúde e da comunicação é auxiliar no cumprimento destas “regras”. Capra (op. cit.) diz que este é um movimento de base, que precisa enfatizar a responsabilidade de cada um pela sua saúde e demanda novos projetos, nova atitude daqueles que são responsáveis pelo processo chamado de educação para a saúde, com características descentralizadas, cooperativas, envolvendo o intercâmbio de qualificações profissionais e de bens e serviços.

5. Considerações Finais

Enfim, é preciso definir uma estratégia específica para a divulgação das informações essenciais sobre saúde. As palavras rebuscadas, técnicas, a linguagem especializada, com estrutura duramente elaborada para a reprodução de ideias da academia para a academia ou com estrutura discursivo-léxica altamente precisa, utilizada na elaboração de novas idéias, não atendem à expectativa do jornalismo e, muito menos, podem contribuir com ações que tem como foco “instruir” o indivíduo para o processo individual de promoção da saúde. O jornalismo se propõe a levar informação decodificada para os mais diversos tipos de pessoas, porém, para isso, os jornalistas têm um grande desafio: desenvolver uma nova atitude baseada nas novas premissas da assistência em saúde. Precisam trabalhar em conjunto com os profissionais da área para que, cada especialidade possa contribuir com um processo único de produção e de organização da informação. Por meio de um pensamento e mobilização de cunho interdisciplinar, será possível planejar e executar projetos que venham oferecer condições às mais diferentes classes sociais de conquistarem níveis de qualidade de vida mais elevados.

Em resumo, pesquisadores e profissionais têm a responsabilidade principal pelo sucesso deste empreendimento social que é a promoção da saúde. Este conceito, segundo Fritjof Capra (op. cit.), passa pela compreensão mais profunda do que é saúde, a qual ele define como um processo que está em constante atividade e mudança, refletindo a resposta criativa do organismo aos desafios ambientais. A sensação de estar saudável ocorre quando todas as múltiplas dimensões do indivíduo estão equilibradas, *os humores*, como dizia Hipócrates. E para que isso se dê o indivíduo deve viver de acordo com as indicações propostas pelo sistema de saúde e cuidar do próprio corpo.

No entanto, o referido autor alerta para o fato que não se pode cobrar dos cidadãos aquilo que não lhes é informado e oferecido. Se não há esforços no sentido de levar as informações sobre saúde à população, como cobrar dos indivíduos posturas mais saudáveis? Para o físico, as pessoas só podem ser responsabilizadas na medida em que têm condições de cuidar de si. E essas

condições estão frequentemente ligadas à capacidade de receber ou de acessar informações fundamentais para sua vida.

Hoje, a disponibilização destes conhecimentos aos cidadãos passa definitivamente pela responsabilidade do Estado e das ações de comunicação, sejam elas institucionais ou sociais, como o jornalismo. Muitas vezes, esse processo vem sendo cerceado por pesados condicionamentos. É sabido que um bom número de pessoas está aquém das possibilidades de acesso ao que lhe é fundamental para a sobrevivência, visto que nossa sociedade padece de um mal crônico, o qual chamamos de exclusão: seja ela informacional, intelectual, digital etc.

Muitos problemas de saúde, lembra Capra (op. cit.), são gerados por fatores econômicos e políticos que só podem ser modificados coletivamente, por meio de uma ação que determine o envolvimento de pessoas em larga escala. A responsabilidade individual deve estar acompanhada da responsabilidade social. E, neste cenário de assistência social à saúde, são responsáveis pela circulação de informação aqueles segmentos ligados à educação para a saúde: a Academia, que produz conhecimento; os profissionais de saúde, que aplicam e avaliam este conhecimento; e os profissionais de comunicação, que transformam estes dados científicos em ferramentas para toda a sociedade e os profissionais da educação que promovem ações educativas neste sentido. E esse é um tipo de ação, reforça o escritor, que não pode ser fornecido, simplesmente, à população, mas deve ser praticado, diariamente, por todos os atores envolvidos neste cenário: o da promoção da saúde.

6. Referências Bibliográficas

Acosta Montoro, J. (1973) *Periodismo y literatura*, Madrid: Ediciones Guadarrama, T.1.

Azambuja, C.N. (2008) *Jornalismo Educativo: da teoria à prática na tv universitária*. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Estácio de Sá. de Janeiro.

Bahia, J. (1971) *Jornalismo, Informação, Comunicação*. São Paulo: Martins Fontes.

Actas – VI Congreso Internacional Latina de Comunicación Social – VI CILCS – Universidad de La Laguna, diciembre 2014

Burkett, W. (1990) *Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Trânsito A, tradutor. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 28.

Capra, F. (1982) *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Editora Cultrix.

Carvalho, T.; Oswaldo-Cruz, E. (2011) O que o brasileiro pensa sobre ciência e tecnologia?. *Academia Brasileira de Ciências* [internet]. jul. 18 [acesso em 2011 out. 6]. Disponível em: http://www.abc.org.br/article.php3?id_article=1304

Cunha, M.B.; Giordan, M. (2008) A percepção da Ciência e da Tecnologia: um estudo comparativo [artigo]. In: *Anais do 14º Encontro Nacional de Ensino de Química* [internet]. [acesso em 2011 out.]. Disponível em: <http://quimica.fe.usp.br/textos/educ/pdf/TrabalhoENEQ2008.pdf>

Fazenda, I.C.A. (1996) *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?* 4.ed. São Paulo: Loyola.

Genro Filho, A. (1987). *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Editora Tchê.

Lévy, P. (1996). *O que é o Virtual?*. Neves P., tradutor. São Paulo: Editora 34.

Lopes F; Ruão T; Marinho S; Araújo, R. (2011). *Jornalismo de Saúde e Fontes de Informação: uma análise dos jornais portugueses entre 2008 e 2010*. *Derecho a Comunicar* [internet]. maio [acesso em 2011 out. 6]. (2): 100-20. Disponível em: http://www.derechoacomunicar.amedi.org.mx/pdf/num2/7-rita_araujo.pdf

Meditich, E. (1992) *O Conhecimento do Jornalismo*. Florianópolis: Editora da UFSC.

Melo, J.M. (1984) *O Jornalismo Científico na Universidade Brasileira. Anotações de um Observador Participante*. In: *Anais do 4º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico*, São Paulo. São Paulo: ABJC, AIPC; 1984.

Natansohn, G. (2004) *Comunicação & Saúde: interfaces e diálogos possíveis*. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación* [internet]. maio [acesso em 2011 out. 6]. 6(2): 38-52. Disponível em: <http://www2.eptic.com.br/sgw/data/bib/artigos/ac91b84bc163228f74ae2a291b80dd81.pdf>

O Globo. (2011) *Brasil é o 5º país que mais procura informação sobre saúde na Internet*.. jan. 4 [acesso em 2011 out. 6]. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2011/01/04/brasil-o-5-pais-que-mais-procura-orientacoes-sobre-saude-na-internet-revela-pesquisa-923418594.asp>

Oliveira, F. (2002). *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto.

Actas – VI Congreso Internacional Latina de Comunicación Social – VI CILCS – Universidad de La Laguna, diciembre 2014

Olson, C., Kutner, L. (2008) Using Electronic Media to Educate the Public About Science: Coping With the Evolving Media Landscape. *Media Psychology Review*. Vol. 1(1).

Parente, A.(1999) *O Virtual e o Hipertextual*. Rio de Janeiro: Pazulin.

Ratzan, S.C. (1994) Health Communication as negotiation. *American Behavioral Scientist*. November, 38: 224-247.

Santaella L. (2004) *Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus.

Siebeneicher, F.B. (1989) Encontros e Desencontros no Caminho da interdisciplinaridade: G. Gusdorf e J. Habermas. *Revista Tempo Brasileiro* 98 Jurgem Habermas: 60 anos. 1(1): 153-79.

Teixeira, R. (2008) O importante papel do jornalismo na alfabetização em Saúde. *Consciência no Dia-a-Dia* [internet]. ago. 28 [acesso em 2011 ago. 11]. Disponível em: <http://consciencianodiaadia.com/2008/08/28/o-grande-papel-do-jornalismo-na-alfabetizacao-em-saude/>

Teixeira, R.A. (2009) Confiança na mídia pode ser um importante fator de promoção à saúde. *ICBNeuro – Consciência* [internet]. [acesso em 2011 out. 6]. Disponível em: <http://www.icbneuro.com.br/consciencia/jornalismoSaude.php?p=js&id=7>

Veras Júnior, J.S. (2003) Da informação do Conhecimento. *BOCC* [internet]. [acesso em 2011 abr. 20].. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm>

VILCHES, L. *A Migração Digital*. Lopes MIVassallo, tradutora. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Editora Loyola; 2003.

Vilela, E.M.; Mendes, I.J.M. (2003) Interdisciplinaridade e Saúde: estudo bibliográfico. *Rev Latino-am Enfermagem* [internet]. jul./ago. [acesso em 2011 jul.]. 11(4): 525-31. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v11n4/v11n4a16.pdf>